



GT 016. Antropologia das práticas juvenis

João Batista de Menezes Bittencourt (UFAL) - Coordenador/a, Marco Aurélio Paz Tella (Universidade Federal da Paraíba) - Coordenador/a

O presente GT tem como objetivo reunir trabalhos resultantes de pesquisas em conclus?o ou andamento, e que tenham como foco privilegiado de investiga??o as pr?ticas juvenis em suas mais diversas express?es. Mudan?as sociais, pol?ticas e culturais ocorridas no ocidente, especialmente na segunda metade do s?culo XX, produziram altera?es significativas nas subjetividades juvenis, promovendo mudan?as no conjunto das experi?ncias que por muito tempo definiram os sentidos de ?ser jovem? e ?ser adulto?. Atualmente, as pesquisas antropol?gicas tem lan?ado m?o de diferentes abordagens te?ricas e metodol?gicas para a compreens?o das pr?ticas juvenis, onde se destacam a influ?ncia das teorias da ag?ncia, dos estudos sobre performactivity, das abordagens disposicionalistas, como tamb?m de uma releitura dos cultural studies. Desse modo, fazer uma antropologia das pr?ticas juvenis em nosso atual contexto, trata-se n?o apenas estar atento ?s mudan?as nos repert?rios de sentidos acionados pelos/as jovens, como tamb?m se abrir para possibilidades interpretativas advindas de outros campos do saber. Ser?o aceitos para o debate nesse grupo de trabalho, pesquisas, especialmente etnografias, que se dediquem ao estudo das pr?ticas juvenis a partir de diferentes temas, tais como: sociabilidades e territorialidades; g?nero, sexualidade e rela?es ?tnico-raciais; educa??o, trabalho e profissionaliza??o; arte e performactivity; entre outros.

Onde est?o as meninas? Quest?es para pesquisas com pr?ticas juvenis dominadas hegemonicamente por homens

Autoria: Alexandre Barbosa Pereira

Pesquisadoras e pesquisadores que abordam pr?ticas culturais juvenis hegemonicamente dominadas por meninos j? devem, ao menos alguma vez, em alguma exposi??o de seu work ter ouvido a importante e instigante quest?o: Onde est?o as meninas na sua pesquisa? Essa ? uma pergunta importante e que revela aspectos que quem estuda as pr?ticas culturais juvenis tem de levar a s?rio, pois aponta para a necessidade de se refletir profundamente sobre a presen?a hegem?nica de meninos ou sobre a aus?ncia das meninas. No entanto, apesar dos estudos de g?nero terem alcan?ado grande repercuss?o nas ci?ncias sociais e na cena p?blica brasileira contempor?nea, essa n?o ? uma pergunta t?o nova no campo dos estudos de juventude. Nos anos 1970, na cl?ssica colet?nea da Escola de Birmingham, Angela McRobbie e Jenny Garber j? questionavam a aus?ncia das meninas dos chamados estudos subculturais, destacando n?o s? a falta, mas tamb?m o fato, de muitas vezes, sua presen?a ser de forma estereotipada, como: caladas, passivas ou marginalmente representadas. Assim, algumas considera??es devem ser feitas. Afinal, se por um lado n?o invisibilizar as mulheres e nem construir vis?es estereotipadas sobre os pap?is de g?nero s?o tarefas fundamentais, por outro, abordar as atividades dominadas por homens ou que expressem aspectos de certas concep??es de masculinidades hegem?nicas tamb?m se mostra imprescind?vel. Trata-se, portanto, de refletir sobre como, mesmo em pr?ticas culturais juvenis em que n?o constem como uma pauta de atua??o, as quest?es de sexo e g?nero est?o a se constituir por meio de intera??es e performances. Nesse sentido, a proposta ? justamente discutir, a partir de pesquisas etnogr?ficas em diferentes contextos de maior dom?nio masculino em performances juvenis p?blicas, as especificidades de g?nero e, principalmente, como abordar a dimens?o das masculinidades hegem?nicas. O objetivo ? proporcionar, assim, um olhar cr?tico sobre movimentos como a pixa??o, as zoeiras dos estudantes e o funk, entre outras pr?ticas culturais juvenis estabelecidas principalmente em S?o Paulo. E, por fim, discutir-se-? as implica??es dos pap?is de g?neros de pesquisadoras e pesquisadores no campo dos estudos de juventude.





Realização:



Apoio:



Organização:

